

Resenha

ARCURI, Carlo U. & PEERSMANN, Andréas (org). **Romanesque – Lukács 2016: cem anos de Teoria do Romance**, n.8 2016. Revista do Centro de Estudos do Romance e do Romanesco (CERR) da *Université de Picardie - Jules-Verne*. Editora Classiques Garnier, Paris, 2016.

Camila Chernichiarro¹⁴⁰

Após cem anos da publicação de *A teoria do romance*, de Georg Lukács, o Centro de Estudos do Romance e do Romanesco da *Université de Picardie – Jules Verne*, no norte da França, dedicou um conjunto de ensaios a esse clássico da crítica literária mundial na revista *Romanesque*. Sob a coordenação de Carlo U. Arcuri e Andréas Peersmann, o periódico aponta para questões múltiplas que se coagulam ainda hoje em torno dessa obra e da teoria literária do pensador húngaro. A retomada teórica de Lukács na atualidade – não apenas na Europa, mas também dos países latinos-americanos – é motivada pelo esforço de compreensão da dinâmica do capitalismo no século XXI, e nada melhor do que, para isso, refletir sobre “simplesmente o maior pensador marxista e um dos maiores filósofos do século XX” (Avant-propos, p.9) para auxiliar nessa empreitada.

O objetivo dessa edição é fazer um balanço da obra em questão e pontuar sua herança, rica e disputada. *A teoria do romance* é um estudo de juventude do filósofo, publicado em 1916, e se encontra como uma *oeuvre-carrefour* que suscita aproximações e rejeições intelectuais, principalmente a partir da resistência de Lukács em realizar uma republicação após a segunda edição datada de 1920. A edição de 1962 acaba afinal por ser feita, sob o imperativo do famoso prefácio, no qual o teórico admite as limitações do método, ainda essencialmente pré-marxista e neo-kantiano, e justifica historicamente essa sua postura crítica anterior à sua leitura dos *Manuscritos econômicos e filosóficos* de Karl Marx. Haveria uma separação na obra de Lukács, entre o jovem inquieto em plena 1ª Guerra Mundial e o adulto maduro vinculado politicamente às transformações decorrentes da Revolução Russa? Quais seriam o lugar e o destino do gênero romanesco na obra em questão, na crítica literária em geral e no próprio pensamento de Lukács? Qual é o sentido do épico na origem da teoria sobre “o grande realismo” e da recusa de certos aspectos da modernidade literária?

As questões levantadas integram o corpo da revista inicialmente na *Abordagem sobre o romanesco*, cuja parte é constituída por dois artigos. O primeiro deles foi escrito pela romancista espanhola Belén Gopegui, traduzido para francês por Anne-Laure Bonvalot, e trata da escritura da política no romance.

¹⁴⁰ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas – TEL/IL/UnB. Email: camila.chernic@gmail.com.

Un coup de pistolet au milieu d'un concert (Um tiro de pistola no meio de um concerto), frase célebre de Stendhal, dá título ao ensaio que pretende discutir quais são as implicações políticas da literatura. A partir da análise de dois romances de Stendhal (*O vermelho e o negro* e *A cartuxa de Parma*), Gopegui mostra que o romanesco deve conter a política, sendo impossível recusar a atenção, apensar de ser um ato grosseiro, conforme aponta o escritor francês. A condição para o romanesco se manter enquanto tal seria a capacidade de reconfiguração do mundo político “dentro do limite de um quadro vivo onde os grandes problemas da época são vistos e apresentados através do percurso vital do sujeito” (Avant-propos p.11). Essa abordagem politizante da literatura é percebida nos escritos teóricos de Lukács, que, a partir de 1930, recusa toda forma de didatismo e insiste na necessidade de introduzir a política no romance pelo viés da experiência concreta dos homens. As reflexões de Gopegui, feitas numa conferência na Universidade de San Diego (Califórnia), nos convidam a questionamentos sobre o caráter político de aspectos aparentemente estrangeiros a ela como a esfera dos sentimentos e do privado, domínio caro à literatura. O segundo artigo dessa primeira parte apresenta a análise de volumes de *Em busca do tempo perdido* de Proust pelo Prof. Allain Schaffner. Trata-se de entender como o romanesco se reconfigura na obra proustiana através de diferentes formas de idealização e projeções dos protagonistas, partindo da versão de romanesco fundamentada pelo próprio Proust ligada aos sonhos amorosos de Swann e Odette de Crécy.

A segunda parte, intitulada *Dossier Lukács 2016*, é o núcleo da revista e é composta por onze ensaios, escritos por diferentes teóricos, entre eles o próprio Lukács com um texto inédito, traduzido para o francês por Jean-Pierre Morbois, e o pensador marxista brasileiro Michael Löwy, radicado na França. *Reportage ou figuration? Remarques critiques sur un roman d'Ottwalt* (Reportagem ou figuração? Observações críticas sobre um romance de Ottwalt) do filósofo húngaro, escrito em 1931, é de grande interesse para os especialistas do romance, pois se trata da polêmica sobre a adaptação deste gênero às novas forças históricas inauguradas pela Revolução de Outubro e suas sequelas. A atmosfera dos anos de 1930 na Europa conduz a reflexões sobre a responsabilidade inédita que passa a ter a literatura nesse momento. Lukács faz uma crítica circunstancial e ponderada ao romancista Ernst Ottwalt, parceiro de Brecht com quem escreveu um filme propaganda da causa operária. Para o filósofo o gênero romance-reportagem é um “epifenômeno da miragem da imediatez e do culto da atualidade que caracterizava já o romance naturalista e os romances de crítica social do romantismo tardio” (Avant-propos p.13), o que mostra sua preferência pelo realismo crítico do burguês esclarecido Thomas Mann em detrimento da prosa engajada dos escritores proletários. Segundo os organizadores da revista, este artigo é um documento de

intensidade rara com uma posição política implacável que ameaça, aos olhos dos leitores de hoje, deixar como pano de fundo a função estritamente estética da obra de arte.

Em seguida, nos deparamos com o ensaio, fruto da parceria entre Michael Löwy & Robert Sayre, que pretende discutir o conceito de romantismo anticapitalista presente em *A teoria do romance*, demonstrando a pertinência e a atualidade da concepção não linear do tempo cuja obra de juventude de Lukács, “com seu messianismo”, renega. No artigo seguinte, Jean-Marc Lachaud trata do *grande realismo*, noção ausente na obra homenageada, formulada apenas em escritos dos anos de 1930. O autor aponta que a problemática envolvendo o debate com Brecht e Bloch sobre o expressionismo é na realidade vinculada à ruptura entre classicismo e modernidade, dicotomia rejeitada por Lukács em nome do conceito de totalidade. Logo em seguida, há uma análise comparada dos conceitos e do léxico utilizados pelo jovem Lukács e por Max Weber (desencantamento do mundo, demonização etc.), que, apesar serem susceptíveis a aproximações, apresentam papéis distintos e inesperados no jogo de empréstimos mútuos entre a sociologia e a estética literária.

A coesão orgânica do perfil intelectual de Lukács e de sua trajetória é problematizada pelos quatro ensaios seguintes, de Pierre Rusch, Jean-Pierre Morbois, Charbonnier e Landry & Leguerrier. Afirma-se que *A teoria do romance* é um anúncio do verdadeiro pensamento de Lukács, que será desenvolvido em plenitude na sua fase marxista. Portanto, a escolha da obra em debate, renegada por seu autor e preferida de vários filósofos do século XX, não é arbitrária: seria esta uma maneira de confirmar o escopo teórico maduro de Lukács, a partir do contraponto orgânico do seu próprio pensamento. Esses textos contribuem para o “relembroamento” de uma trajetória destacada insistentemente por bifurcações. “Para escutar o sentido de um autor, é preciso acordar passagens contrárias” afirma Charbonnier.

Os dois ensaios seguintes concentram-se na problemática hermenêutica e literária das obras de juventude de Lukács. Nicholas Poirier busca compreender de que forma o romance se configura como expressão da dificuldade do indivíduo habitar no mundo. Contrastando com obras de Kundera, Pavel e, sobretudo, Bakhtin (sabe-se hoje que ele tinha conhecimento de *A teoria do romance* no momento da escritura da sua fenomenologia do romance), o autor destaca a importância de se ler o jovem Lukács, posto que, a partir da sua reflexão do romance como gênero marcado pela ruptura entre o herói problemático e o mundo desencantado, pode-se questionar a significação e a amplitude da criação da modernidade e do próprio romance, apontando a autonomia do indivíduo e a ação sem modelo pré-existente, que inventa meios de percorrer a aventura da vida. Damien de Carné concentra-se, por sua vez, no romance medieval, sobre o qual *A teoria do romance* não se debruça detidamente. Apesar de Lukács afirmar que *Dom*

Quixote é o primeiro romance no sentido próprio do termo, o autor identifica indicações preciosas sobre épocas anteriores, de Chrétien de Troyes, por exemplo.

Com uma temática mais recente, Jacques Lederer sublinha a importância do livro *Realismo crítico hoje* para os jovens que sonhavam com uma literatura alternativa sob os preceitos do *Nouveau Roman*. A “solidão intelectual [de Lukács] o segue ainda hoje” diz o professor. Aprofundando a noção de decadência, ele junta-se à defesa estética do grande realismo do teórico húngaro, apesar de assumir que, em alguns momentos, Lukács subestimou potencialidades artísticas importantes no panorama literário do século XX. A parte central da revista é, então, finalizada com o ensaio de um dos organizadores, Carlo U. Arcuri, que retoma três noções lukacsianas: o épos, a *kultur* e o *ser genérico*. Essa aproximação epistemológica justifica-se pelo interesse de estabelecer uma leitura contrastiva entre *A teoria do romance* e as obras posteriores do autor, na perspectiva de que a estética seria um dispositivo contra a história triunfante.

A última parte da revista é dedicada a entrevistas com escritores. O escolhido de Andréas Sfersmann, também organizador do volume, foi o romancista austríaco Robert Menasse cuja trajetória estética, intelectual e existencial é marcada pela figura do pensador húngaro. Menasse afirma que as obras lukacsianas determinaram seu conceito de romance e de personagem romanesco, assim com sua concepção do processo histórico, no momento em que a maioria de seus colegas preferiam Adorno na Universidade de Viena, por volta dos anos de 1970 e 1980.

A revista segue um movimento peculiar que integra seu objetivo central: do avesso descortinar o essencial já anunciado. O caráter dialético da obra de Lukács expande-se à estrutura dos próprios ensaios, deixando formalizada a herança de um grande teórico, que soube fazer da especificidade da arte a chave de toda emancipação política digna desse nome.

Diante de uma das crises mais agudas da história ocidental, em que forças antagônicas hesitam a tomar frente e assumir o desafio colocado, “o pensamento de Georges Lukács está de volta, menos como um fenômeno de moda ou de ocasião de celebração pontual, mas com a força e a paciência de conceitos” (Avant-propos, p.21). Assim, somos convidados pelos ensaios instigantes e necessários reunidos neste histórico número a resistir teoricamente ao relativismo pós-moderno em voga, rumo à ação paciente e dialética da transformação efetiva do homem em humano.